

**O EMPREENDEDORISMO SOCIAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTÁVEL**

**KAIQUE DIAS BENTO**

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE)

**ANA ELISA MELO**

CENTRO UNIVERSITÁRIO JOAQUIM NABUCO - UNINABUCO

# O EMPREENDEDORISMO SOCIAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTÁVEL

## 1 INTRODUÇÃO

A prevalência da desigualdade nas oportunidades de desenvolvimento econômico, social e cultural, bem como a recorrente agressão ao meio ambiente, são as expressões mais concretas das lacunas causadas pela globalização no momento histórico contemporâneo. Diante desta realidade, muitas estratégias têm se apresentado como possibilidade para o enfrentamento da exclusão socioeconômica e, ao mesmo tempo, como ferramenta de combate à degradação do meio ambiente.

Nessa perspectiva, durante os últimos anos vem se afirmando a necessidade das instituições, de um modo geral, praticarem de forma efetiva um novo modelo de desenvolvimento que satisfaça, simultaneamente, as necessidades econômicas e ecológicas (ARAUJO; CARVALHO; CASTRO, 2013). Essas prerrogativas, sugeridas nesse novo modelo de desenvolvimento, referem-se ao cerne do Desenvolvimento Sustentável, o qual foi descrito no Relatório Brundtland, em 1987, como o “desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades” (WCED, 1987). Assim, o foco do desenvolvimento sustentável é equiparar a utilização dos recursos econômicos com os recursos naturais na promoção de uma boa qualidade de vida para as próximas gerações.

Na medida em que o debate e o pensamento sobre o desenvolvimento incorporavam contribuições socioambientais, ensaios com novas formas de atuar no enfrentamento dos problemas sociais foram inseridos pela sociedade civil, consolidando, dentre outros, o fenômeno do Empreendedorismo Social no Brasil. Ao analisar a essência do empreendedorismo social, fica claro que a ideia se sobrepõe à perspectiva dos empreendimentos tradicionais, os quais estão concentrados apenas na vertente econômica. Trata-se, portanto, de um rol de negócios criativos e inovadores que geram impacto social (YUNUS, 2010).

Sobre essa forma inovadora de empreender, Hartigan e Elkington (2009), afirmam que, dependendo da alavancagem que origina esse tipo de negócio, eles podem ser divididos em três categorias: Empreendimentos alavancados e sem fins lucrativos; Empreendimentos híbridos e sem fins lucrativos e Empresas Sociais. Apesar da divisão por categorias pressupor distinções na estrutura dos modelos de empreendimentos sociais, a analogia se dá na criação de soluções para as lacunas sociais e ambientais que assolam o mundo contemporâneo.

Houve também um acréscimo de iniciativas ligadas a empreendimentos de impacto social, no Terceiro Setor, em conjunto com a intervenção de empresas privadas. Um exemplo foi o Programa de Desenvolvimento Local “Bombando Cidadania” (PBC), implantado pelo Instituto *Walmart* Brasil, no período de 2008 a 2014, no bairro da Bomba do Hemetério – localidade da Zona Norte do Recife, capital de Pernambuco, tendo como eixos de atuação a Geração de Renda; saúde e meio Ambiente; Educação; Juventude e Desenvolvimento Cultural.

### 1.1 Problema de pesquisa

Torna-se perceptível, em diversas organizações do Terceiro Setor, que as atividades desenvolvidas nesta esfera, na sua maioria, são de caráter paternalista e de caridade, características estas da concepção assistencialista que permeiam a trajetória das práticas sociais no Brasil (FREITAS; GUARESCHI, 2015). Tais ações dificultam a obtenção de resultados efetivos e duradouros pelo terceiro setor, os quais são imprescindíveis para a

construção de uma sociedade mais igualitária. O mero assistencialismo embasa o relacionamento de dependência, dificultando a construção da autonomia dos sujeitos (SPOSATI, 2005).

Juntamente com a influência da mentalidade filantrópica, no âmbito social, também está presente outro resquício do assistencialismo: as práticas baseadas no senso comum. Segundo Silva (2017), quando as práticas não se baseiam no conhecimento científico, as ações não são desenvolvidas como direitos sociais. Portanto, um dos desafios no campo social é o reconhecimento da necessidade de organizações e profissionais usarem novas estratégias de gestão que substituam a lógica filantrópica, introduzindo uma lógica empreendedora, a qual almeja a inovação de estilo empresarial na solução de questões e causas sociais, gerando efetivamente emancipação social.

## 1.2 Objetivo

Analisar os impactos do empreendedorismo social, no que se refere ao fortalecimento do capital social, no Programa Bombando Cidadania – Bomba do Hemetério – Recife – PE

## 1.3 Justificativa

Santos e Galleli (2013) pontuam que o empreendedorismo social é uma alternativa de organização do trabalho capaz de influenciar decisivamente o desenvolvimento local, fomentando o desenvolvimento socioeconômico em todos os seus desdobramentos. Desse modo, discutir o empreendedorismo social justifica-se pela necessidade de se rever as estratégias usadas para minimizar as desigualdades sociais que vem crescendo no Brasil e no mundo. Para tanto, é imprescindível compreender o conceito e as características do empreendedorismo social, bem como discutir a relação positiva deste fenômeno na geração de transformação social, emancipação social e empoderamento dos cidadãos.

Embora muitos aspectos do empreendedorismo social tenham experimentado progresso nos últimos anos, são raros os estudos, no âmbito nacional, que procuram identificar as relações entre as atividades executadas através de empreendimentos sociais e o capital social, em relação à durabilidade e ao alto impacto social gerado na população atendida. As instituições governamentais, Organizações Não Governamentais - ONGs e grupos sociais podem alcançar maiores benefícios a partir do investimento nas organizações sociais, como as redes, com base na implementação de normas de confiança e cooperação em benefício recíproco (PUTNAM, 1995 *apud* FREY, 2003).

Assim, o presente estudo partiu da necessidade de entender os diversos aspectos do empreendedorismo social como indutor de auto-organização social, para que os gestores, empreendedores e os vários atores sociais não só compreendam a necessidade de assumir uma postura cooperativa nas suas relações com o meio, como também possam avaliar os processos de mudanças necessários à consolidação de um processo de gestão social. Logo, já não mais assistencialista e mantenedor, porém empreendedor, emancipador e transformador diante de um novo cenário de consciência econômica, social e ambiental.

## 2 CONCEITOS E INTERRELAÇÕES ENTRE EMPREENDEDORISMO SOCIAL E CAPITAL SOCIAL: BREVES APONTAMENTOS

Os estudos desenvolvidos atualmente quanto à capacidade do terceiro setor de atuar com eficiência, eficácia e efetividade no enfrentamento da pobreza, da desigualdade e da exclusão social, têm sinalizado que os empreendimentos sociais se apresentam como alternativa na promoção do desenvolvimento social (OLIVEIRA, 2004a; SANTOS;

GALLELI, 2013). Essas informações sugerem a importância de se pesquisar as relações entre as atividades realizadas através do empreendedorismo social e o desenvolvimento sustentável, por ser um conceito emergente nas práticas das organizações comprometidas com as questões socioambientais.

Segundo Martin e Osberg (2007), o empreendedorismo social é abordado na literatura sobre duas vertentes: uma centrada na pessoa do empreendedor, suas características e missão; enquanto que a outra com ênfase na perspectiva da relação entre o fenômeno da globalização e a urgência de empreendimentos sociais.

As produções sobre a primeira vertente – a qual se concentra nos empreendedores sociais, analisa-os como agentes de transformação social, tendo como foco apresentar a relevância da atuação dessas pessoas, nos projetos que almejam sustentabilidade econômica, ambiental e equidade social. Nessa mesma perspectiva, Bill Drayton, fundador da Ashoka, a quem é atribuída a disseminação da expressão empreendedor social, enfatiza que a combinação do pragmatismo, do compromisso com os resultados e a visão de futuro, são características indispensáveis para esse tipo de empreendedor (ASHOKA, 2011).

Ao analisar a essência do empreendedorismo social, como sendo a habilidade de liderar ações inovadoras em prol do desenvolvimento social, percebe-se que alguns personagens da história mundial, como Luther King e Gandhi desempenharam atitudes empreendedoras, mesmo sem que, à época, houvesse a definição de tal conceito. O tema ainda é pouco aprofundado na literatura, tanto no exterior quanto no Brasil, o que não significa, entretanto, a ausência de ações inovadoras de impacto voltadas para a realidade brasileira (OLIVEIRA, 2004a).

Diante dos conceitos apresentados na literatura, pode-se concluir que os empreendedores sociais desempenham um papel relevante nas organizações que visam promover mudança social de longo alcance. Logo, é necessário investir constantemente, em diversos processos de formação, oportunizando o desenvolvimento pessoal e profissional desses empreendedores (FARFUS, 2008).

A segunda vertente dos estudos enfatiza a criação e o desenvolvimento de empreendimentos sociais como sendo capazes de gerar tanto valor econômico como valor social. O contexto de surgimento do empreendedorismo social é marcado principalmente pela ampla divulgação do conceito de empreendedorismo empresarial clássico, preconizado por Schumpeter, em 1934 (SCHUMPETER, 2012). Na concepção originária sobre o empreendedorismo, a inovação é a premissa para desafiar o mercado, mantendo, dessa forma, o desenvolvimento e o crescimento econômico.

De acordo com Hartigan e Elkington (2009), os empreendimentos sociais resultantes das diversas áreas de atuação são agrupados em três categorias. A primeira e mais habitual se refere aos empreendimentos sociais como iniciativas sem fins lucrativos que, com um rendimento mínimo, impulsionam a força das comunidades para transformar a existência diária. A segunda categoria são os empreendimentos híbridos e sem fins lucrativos, que contam com aspectos mais empresariais mobilizando fundos de organizações públicas, privadas ou filantrópicas, na forma de subsídios ou empréstimos com o propósito de atender às necessidades sociais. Nessa categoria a noção de lucro e reinvestimento não é totalmente descartada.

Com base na concepção dos autores, a terceira categoria de empreendimentos são as empresas sociais, que difere das categorias anteriores por objetivar fins lucrativos. As empresas sociais têm como missão específica alavancar a mudança social ou ambiental e, ao mesmo tempo, gerar lucros, os quais serão reinvestidos, possibilitando atingir e servir mais pessoas. Esse modelo de empreendimento foi idealizado pelo economista indiano Muhammad Yunus, que acredita no negócio social como meio de oportunizar aos pobres a libertação da pobreza.

Cada um dos três modelos expostos pode ser usado para minimizar qualquer uma das grandes lacunas sociais e ambientais que acometem a sociedade, utilizando as oportunidades de mercado por eles reveladas. Apesar das diferenças entre as categorias, é consenso que todas as atividades e processos desenvolvidos de forma inovadora com o propósito de gerar riqueza social podem ser denominadas como empreendimento social (ZAHRA, 2008).

O desenvolvimento econômico local é uma das dimensões sustentáveis que contribuem para que certa localidade desenvolva suas potencialidades e capacidades, produzindo inclusão social, paridade de renda, qualidade de vida e harmonia ambiental (MELO NETO; FROES, 2002; FERRARINI, 2012). Para que tal desenvolvimento aconteça, é primordial um maior engajamento cívico por meio da democracia e políticas que o aperfeiçoem e o intensifiquem. Quanto ao envolvimento da população nos processos políticos e nas questões que as afetam, tal processo demanda altos níveis de confiança, participação e comprometimento, os quais são conceitos basilares da constituição do capital social.

Tal visão é defendida por Agostini (*apud* TANCREDI; KISIL, 1996) e por Melo Neto e Froes (2002). Estes autores descrevem a sustentabilidade financeira como sendo de suma importância para assegurar os recursos para um desenvolvimento inovador e duradouro, no entanto, acrescentam ao conceito de sustentabilidade, a dimensão da sustentabilidade da motivação para as inovações. Essa dimensão é entendida como a constância da disposição em adaptar-se e propor mudanças de atitudes e comportamentos por parte das pessoas e instituições.

No que se refere à sustentabilidade da motivação para as inovações, acredita-se que o empreendedorismo possui melhores condições de desenrolar-se em ambientes favoráveis à colaboração, à interação e ao aprendizado (ALBAGLI; MACIEL, 2002; OLIVEIRA; LIMA, 2003). Nessa visão, o senso de solidariedade, a capacidade de cooperação e atuação coletiva assumem um papel relevante para o desenvolvimento e a longevidade dessas organizações. Logo, fica clara a importância de se promover o fortalecimento do capital social, por acreditar, ser um fator determinante para a sustentabilidade dos empreendimentos sociais.

Na busca pela sustentabilidade é fundamental a otimização tanto dos recursos monetários, bem como humanos. Nesse contexto, após explanação sobre o empreendedorismo social, parte-se agora para discorrer sobre o conceito de capital social.

A ideia de capital social remete à organização dos indivíduos em grupos, produzindo hábitos cooperativos e de confiança mútua, que conduzem a maiores índices de participação e confiança política, contribuindo também para a saúde econômica do sistema. Tal associação remete a melhores *performances* institucionais, sendo um recurso que serve tanto a fins socioeconômicos, quanto políticos (PUTNAM, 1996; SACCHET, 2009; SANTOS; VIEIRA; SANTOS, 2018).

O tema do capital social vem ganhando significativa atenção tanto entre a academia científica, quanto entre agentes e organizações que se preocupam com um desenvolvimento justo e sustentável. O interesse inicial do estudo sobre esta temática é atribuído a um grupo de autores, oriundos das ciências sociais – Bourdieu, Coleman e Putnam, os quais ressaltaram e propagaram a ideia de que o capital social é aquele capaz de proporcionar o intercâmbio entre as pessoas, estruturas e instituições, baseado na confiança recíproca e colaboração, pelo senso cívico e a participação (ALBAGLI; MACIEL, 2002; FARFUS, 2008).

A base desse conceito é que, havendo a mobilização das redes sociais – no seu sentido literal, de entrosamento da sociedade – incentivada pela confiança e colaboração, haverá melhorias na condição social, tanto do indivíduo quanto da localidade a qual pertence.

Bourdieu destaca que toda estrutura social é composta de campos de luta de poder (LIMA; CAMPOS, 2015). Sendo assim, o conflito faz parte do conceito do capital social, por ser distribuído de forma desigual, como as demais formas de capital (ALBAGLI; MACIEL,

2002). A partir dessa visão teórica, dependendo do grau de capital social existente nos indivíduos, haverá diferenças no desenvolvimento social.

Coleman (1988) classifica o capital social em três categorias: a primeira delas sendo o nível de confiança e sua relação com a consciência das obrigações mútuas. Nesse sentido, nos locais onde as pessoas confiam umas nas outras, a partir desta atitude, exercem suas obrigações, reciprocamente. Em tais localidades há um grau elevado de capital social. A segunda refere-se à viabilização do intercâmbio de informações e ideias; e a terceira aponta o capital social como sendo composto de diretrizes e regras que impulsionam os indivíduos a trabalharem para um bem comum, em contraponto aos interesses egoístas.

Putnam introduz o debate entre a relação do capital social e o desenvolvimento econômico. Em seu estudo sobre a Itália, o autor afirma que a interação dos diferentes atores sociais e das associações sociais e produtivas, fundamentada na confiança, engajamento cívico e na cooperação, em prol de objetivos comuns, contribuem para resultados positivos, nas áreas social, política e econômica. Dessa forma, o capital social pode ser entendido como a habilidade que os grupos e organizações que constituem a sociedade civil desenvolvem nas ações comunitárias objetivando os mesmos propósitos, gerando uma maior eficácia na produção coletiva de riquezas (ALBAGLI; MACIEL 2002; BOSE; GODÓI-DE-SOUZA, 2012).

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a presente pesquisa, a abordagem metodológica a ser utilizada é caracterizada, quanto à sua natureza, como qualitativa (MALHOTRA, 2011). Com relação aos seus objetivos, a pesquisa é descritiva de caráter exploratório, pois busca uma familiarização com o fenômeno estudado e/ou a obtenção de uma nova compreensão deste (GIL, 2016; VERGARA, 2016). No que se refere aos procedimentos, preferiu-se utilizar um estudo de caso para ilustrar a pesquisa, tendo em vista que este possibilitaria uma visão mais aprofundada sobre o fenômeno em tela, em suas especificidades (YIN, 2010).

Utilizou-se, nesta pesquisa, um estudo de caso de uma comunidade que pudesse retratar as experiências do empreendedorismo social e de fortalecimento do capital social. Tal inclusão almejava, dentre outros, apresentar a relevância de tais práticas para o fortalecimento da sustentabilidade no território e, assim, fomentar a replicação em outras comunidades, contribuindo, dessa forma, com o desenvolvimento local sustentável, através do empreendedorismo social.

Os dados utilizados para a composição do presente estudo foram obtidos através da pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, pesquisa etnográfica e do método de entrevista não-estruturada. A pesquisa bibliográfica foi efetuada nas bases do Portal de Periódicos da CAPES e *Google Acadêmico*, entre os meses de agosto de 2017 a junho de 2018. Para a busca, foram utilizados os seguintes descritores: capital social; fortalecimento do capital social; empreendedorismo social; desenvolvimento local sustentável; territórios; Bomba do Hemetério; e Bombando Cidadania.

Com relação à pesquisa documental, foram obtidas informações através de documentos, relatórios gerenciais e apresentações institucionais produzidos pelas instituições do terceiro setor que desenvolveram o Programa Bombando Cidadania. Tais dados se constituem, entretanto, em informação complementar para a pesquisa, de modo que não se incorram em vieses na pesquisa, atrelados à visão dos próprios idealizadores e mantenedores da iniciativa analisada.

No que se refere à pesquisa etnográfica, esta foi utilizada em virtude de propiciar a compreensão do social e das interpretações possíveis, à luz do universo simbólico dos sujeitos. A imersão oportunizada por tal instrumento consegue captar nuances da “vida diária”

dos indivíduos, através da interação estabelecida (MINAYO, 2006). Para esse tipo de pesquisa, considera-se, além de tudo, o que é visto e experimentado. Observando esse aspecto, os pesquisadores efetuaram uma imersão na comunidade, ao vivenciar acontecimentos sociais, assistir apresentações culturais, comer em restaurantes locais e visitar microempreendedores, examinando, assim, o cotidiano social.

As entrevistas não-estruturadas foram realizadas junto a nove moradores do Bairro da Bomba do Hemetério, que participaram do Programa Bombando Cidadania. São empreendedores sociais, nas suas mais diversas áreas de atuação. Essa modalidade de entrevista foi escolhida em virtude das possibilidades que o entrevistado possui para construir sua resposta e sua narrativa sobre os fatos, sem “engessamentos” ou tendências (GIL, 2016). Para tanto, foi utilizado um roteiro como instrumento auxiliar na condução das entrevistas, desenvolvido com base em conceitos relacionados à autonomia, espírito de pertencimento, cooperação, desenvolvimento local sustentável e capital social.

As entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas. Adotou-se a transcrição literal, como forma de preservar as expressões e falas dos próprios entrevistados, sem a interferência dos pesquisadores. A análise do material foi realizada a partir da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), com a correlação das falas por estruturas semânticas, baseados em núcleos de sentido. Para a categorização, foi empregado o quadro de Inclusão Social proposto por Portocarrero e Delgado (2010), exposto no Quadro 1.

Quadro 1 – Categorias de análise que caracterizam o desenvolvimento do capital social

<b>Inclusão Social</b>
Desenvolvimento do capital social
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construção de redes, relacionamentos locais e fortalecimento das capacidades;</li> <li>• Construção de um sentimento de pertencimento a uma comunidade;</li> <li>• Construção de rede social; confiança; reciprocidade e desenvolvimento de cooperação;</li> <li>• Maior disponibilidade de recursos próprios e de terceiros por meio de contatos e interações sociais;</li> <li>• Capacitação do setor de baixa renda para agilizar e expressar as demandas;</li> <li>• Melhoramento da autoestima;</li> <li>• Associação de interesses individuais;</li> <li>• Ligar grupos sociais dispersos a administrações, empresas, novos mercados ou clientes locais.</li> </ul>

Fonte: Adaptado de Portocarrero e Delgado (2010)

Almeja-se que, com o emprego das técnicas e instrumentos descritos, sejam obtidos dados confiáveis para conduzir a análise dos resultados encontrados, ampliando, por meio da triangulação intermétodos, a confiabilidade do trabalho. O uso de tal estratégia busca, neste estudo, minorar as possíveis fragilidades que possam incorrer na pesquisa por empregar um único método de obtenção dos dados, evitando os possíveis vieses de uma metodologia única (TEIXEIRA *et al.*, 2012; YIN, 2010).

#### 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O presente capítulo destina-se à apresentação dos resultados da pesquisa. Em sua primeira parte, discorre sobre o *locus* da pesquisa. Na sequência, a segunda parte analisa os fatores ligados ao Desenvolvimento do Capital Social advindos da iniciativa.

##### 4.1 A Bomba do Hemetério e o Programa Bombando Cidadania

Situada na Zona Norte da Cidade, como um dos bairros da Região Político Administrativa 2 (RPA2) da Cidade do Recife, a Bomba do Hemetério constitui uma

comunidade de 43 hectares, com 2.350 domicílios e 8.472 habitantes. (RECIFE, 2018). “Trata-se de uma área periférica onde se encontra uma concentração de população de baixa renda, tanto no bairro como nas comunidades vizinhas”, (MIOTTO; BARKI, 2011, p. 06). Barbosa e Santos (2015, p. 70) descrevem que a origem do nome do bairro remonta, em parte, a uma situação de cooperação entre os moradores da localidade. Segundo os autores, “a Bomba recebe esse nome por uma história de solidariedade. Trata-se de uma referência ao “Seu Hemetério”, antigo morador do bairro que compartilhava a água de seu poço artesanal”. O bairro sempre foi conhecido por seu histórico de mobilização social e de fortalecimento das relações de pertença, com um espírito colaborativo que se estendia a outras localidades da região (BRITO; SILVA; MACIEL, 2014).

Nos dias atuais, a população do bairro é composta, predominantemente, pelas classes C e D, com um perfil etário jovem. 11,96% dos moradores (n= 1.013) possuem idade entre 18 e 24 anos e 49,73% (n= 4.213) possuem entre 25 e 59 anos. 45,8% dos residentes são homens (n= 3.880) e 54,2% (n= 4.592) são mulheres. A maioria da população do bairro se considera de cor ou raça parda (54,45%), enquanto que 14,11% se consideraram de raça preta (RECIFE, 2018).

Conforme descrito, o Bombando Cidadania teve como pressuposto, além do engajamento popular, a articulação com outras organizações – tanto públicas, privadas e do terceiro setor. Nesse sentido, destaca-se que o Programa contou com diversas parcerias desde o início de sua implementação, dentre as quais, com: o Instituto de Assessoria para o Desenvolvimento Humano (IADH), o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Instituto Aliança, Aliança Empreendedora, ONG Auçuba, Fundação Gilberto Freyre, Instituto Qualidade no Ensino, Centro Pernambucano de Design, Habitat Brasil, Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), Prefeitura da Cidade do Recife, Governo do Estado de Pernambuco e Ministério do Turismo (BARBOSA; SANTOS, 2015). Tais iniciativas foram fundamentais para a criação de um ecossistema empreendedor na comunidade.

Após contextualização da iniciativa, parte-se agora para analisar os resultados relativos ao desenvolvimento do capital social na Bomba do Hemetério após o Programa Bombando Cidadania.

#### 4.2 Análise do desenvolvimento do capital social no Bombando Cidadania

Considerar apenas os aspectos tangíveis e materiais do crescimento do empreendedorismo é insuficiente para mensurá-lo e, nessa linha, o estudo sobre o capital social considera outros fatores, de natureza social, os quais são decisivos na “produção, na comercialização e na articulação político institucional, determinados na própria região de forma endógena, passando a serem vistos de forma diferente” (TABOSA *et al.*, 2010, p. 51).

Conforme apontado na literatura, em localidades em que as articulações sociais são predominantes, se estabelecem melhores condições para se alcançar um desenvolvimento mais equilibrado, com qualidade de vida e alternativas para superar os problemas locais (COSTA, 2003; TABOSA *et al.*, 2010; PUTNAM, 1996).

A avaliação dos resultados para a presente categoria de análise subdivide-se entre oito temas, anteriormente descritos, os quais são pormenorizados adiante.

##### a) Construção de redes, relacionamentos locais e fortalecimento das capacidades

O modelo de gestão do capital social estabelecido entre a comunidade da Bomba do Hemetério, o Instituto Walmart, parceiros da iniciativa privada e o poder público fez surgir, nesse contexto, um programa de desenvolvimento local e de enfrentamento da exclusão social

(COSTA, 2003; TABOSA *et al.*, 2010). Com relação à construção de redes, E1 e E2 afirmaram que:

**E1:** 90% da cultura do carnaval do Recife é daqui da BH. Então isso aí o pessoal não sabia. Eu mesmo morava na Bomba e não sabia!

**E2:** Eu também não sabia!

**P:** Ah! Então uma das características do Bombando foi o conhecimento? Foram essas informações? Então, a nível de conhecimento das potencialidades de vocês, [...] vocês conhecem mais a redondeza, a cultura, quem empreende aqui...?

**E1:** Ah! Hoje a gente conhece! Mas estamos conhecendo sempre pessoas novatas que começam a abrir empreendimentos aqui... tem pessoas que... já abriam até vários espetinhos inspirados em mim, o pessoal desempregado, Ah! Vou fazer espetinho porque Ceça botou espetinho e deu certo...

**P:** E essas pessoas vêm conversar com vocês?

**E1:** Vêm conversar aqui comigo, pedir orientação... Aí eu sempre informo, compartilho.

**P:** E o que foi que mudou depois do Bombando?

**E2:** Mudou o conhecimento. Eu morava aqui na Bomba desde que eu nasci... Na época eu tinha 50 anos e eu não conhecia que a BH tinha mais de 120 agremiações, que a BH era rica na cultura... eu não sabia! Eu fui nascida e criada aqui e não sabia!

**P:** E vocês trocam conhecimentos?

**E2:** Trocamos conhecimento. É muito bom!

**E1:** A gente recebe turista... aí quando eu recebo turista, eu chamo uma atração cultural aqui pra vim tocar aqui ou dançar pra eles... ficou aquela troca, né?

**P:** E antes era cada um no seu empreendimento?

**E1:** Isso. Cada um no seu lugar.

Nas falas de E1 e E2 nota-se, na Bomba do Hemetério, o estabelecimento de uma rede de comunicação, informações e de difusão de experiências empreendedoras. Os profissionais passaram a atuar em rede – o segmento de gastronomia com o das agremiações culturais, como exemplificado por E1, passou a fomentar uma demanda mútua, beneficiando ambos os setores. Na sequência, aponta-se a fala de E9, que retrata o espírito de formação de rede:

**E9:** Eu passei a ser uma espécie de mobilizador da comunidade, tudo que o programa oferecia eu ia para a rua e captava as pessoas e trazia para dentro do programa. Eu fiz uma capacitação através do IADH de ADL [Agente de Desenvolvimento Local], que permitiu uma aproximação com a comunidade [...]. O Bombando fez a dinâmica “A Bomba conhecendo a Bomba” criou uma rede de conhecimento entre os grupos, isso propiciou a compra de material em grupo, fizemos intercâmbio com outros estados. Nós não tínhamos noção de rede.

A fala dos sujeitos corrobora o que fora apontado na literatura, de que só existe capital social se for estabelecida uma construção de rede de relacionamentos, com a existência de confiança mútua entre os indivíduos (reciprocidade) (PUTNAM, 1996, p. 174).

## b) Construção de um sentimento de pertencimento a uma comunidade

Frequentemente vislumbram-se localidades cada vez mais coesas e organizadas em busca da resolução dos seus próprios problemas (ELVAS; MONIZ, 2010). Tal espírito de

união, lastreado no processo de mobilização dos próprios cidadãos, reside no aumento do sentimento de pertença de comunidade – que se estabelece quando há uma integração e uma satisfação comum em pertencer a uma dada localidade. Nesses casos, há uma maior promoção de benefícios individuais e comunitários, conforme vislumbrado nas falas dos entrevistados.

**E5:** Eu tenho um sentimento de posse, onde eu chego todo mundo fica me conhecendo como Bomba do Hemetério. Trago meus amigos para conhecer a BH e desconstruir a ideia que a sociedade tem da Bomba, como sendo [uma comunidade] de violência. Depois do programa, levantou o ego dos grupos sobre a Bomba e mostrou as outras comunidades o quanto é cultural aqui.

**E6:** Eu nem digo que sou natural de Recife, eu digo que sou natural da Bomba do Hemetério. Como comerciante eu faço o meu melhor para a comunidade. Como morador eu ajudo atravessando a pessoa na rua, dando informações, eu procuro fazer meu papel social.

**E8:** Além do mais, você conseguir trazer nas pessoas pra ter um novo olhar em relação a BH, a partir do PBC você vê na mídia, aquilo que era de mídia negativa que falava de nosso bairro de violência e agressão e morte, passou a ter uma mídia positiva de cultura, desenvolvimento e meio ambiente de forma muito sustentável. Hoje a BH está consolidada como primeiro bairro de cultura permanente em todo território nacional. Nós temos o metro quadrado mais cultural do Brasil.

**E9:** Eu já tinha a paixão pelo bairro, eu já tentei sair daqui mais não consigo. Me incomodava o sentimento de algumas pessoas de ter vergonha de dizer que moravam na Bomba. O resgate da autoestima nós tentamos antes do Bombando, mas não conseguimos. Com o PBC retomamos o resgate da autoestima, com o estudo da iconografia do bairro criamos uma marca “O que é da Bomba é Bom” isso criou ideia força.

Vê-se, nas falas, que o forte sentimento de pertença e identidade, estabelecido por E5, E6, E8 e E9 em relação ao bairro da Bomba do Hemetério é um fator que contribuiu positivamente para o Programa Bombando Cidadania, ao promover o desenvolvimento de uma comunidade sustentável e saudável, unida em prol de objetivos comuns (PUTNAM, 1996; ELVAS; MONIZ, 2010).

#### c) Construção de rede social; confiança; reciprocidade e desenvolvimento de cooperação

A maioria das pessoas compreende, de forma intuitiva, o significado do sentimento de comunidade e de construção de rede social. Todavia, a ideia é complexa e composta por vários elementos, como o estabelecimento de confiança, reciprocidade, desenvolvimento mútuo e cooperação (PUTNAM, 1996; ELVAS; MONIZ, 2010). Sobre o tema, verificou-se, nas falas dos entrevistados, a existência de tais aspectos, como exposto nos excertos adiante.

**E2:** Um ajuda o outro a crescer e se desenvolver, ensinam a costurar e bordar as fantasias, emprestam fantasias, o líder de um grupo faz a contabilidade/orçamento do outro sem cobrar.

**E4:** É... Mudou a minha visão em relação ao coletivo. Eu não tinha visto essa ideia que pessoas podiam se juntar e lutar pela mesma causa.

**E5:** Aumentou o meu senso moral e ético, pensar nos outros. Sou cautelosa, não penso só em mim, aumentou a responsabilidade. Me identifico com o trabalho em grupo, por conta da troca de ideias. Tenho facilidade de me relacionar com as outras pessoas. Entender melhor as pessoas.

**E6:** Eu ficava observando aquilo que era interessante pra mim e o que era interessante para o outro morador. Não ia tomar a vaga do outro! Deixa o outro fazer também, pra que ele ganhe também! **Isso é ser morador da Bomba do Hemetério, isso é ser parceiro, solidário, participativo; É ser morador desse bairro tão maravilhoso.** (grifo nosso)

**E8:** O Bombando foi um divisor de águas para todo mundo que trabalha aqui na Bomba com cultura ou no território expandido, porque a gente se profissionalizou na promoção cultural do território e o BC deixou uma marca muito boa na vida de todo mundo, que foi o senso de solidariedade e contribuição e cooperativismo.

**E7:** Pessoalmente a motivação foi grande, principalmente com os companheiros, cada um vinha com sua sabedoria. A gente percebia que as pessoas tinham algo para contribuir. **O companheirismo foi o máximo, a troca de experiências. A gente ganhou muito com o companheirismo dentro do Bombando.** Comecei a pegar amizade pelas pessoas, hoje eu faço trabalhos para os outros grupos sem cobrar nada, a gente pega tanta amizade que é difícil a gente cobrar. (grifo nosso).

**E8:** Os grupos aprenderam nos cursos do PBC e até hoje não praticam o que aprenderam [...]. Nós aprendemos no empreendedorismo social que todo mundo deveria ajudar todo mundo.

As falas evidenciam o fortalecimento do empreendedorismo social na comunidade, pois irrompe, entre os moradores, o sentimento voltado para a coletividade (MELO NETO; FROES, 2002). A valorização que a comunidade dá às interações entre o capital social e o desenvolvimento local, ao promover as relações entre os indivíduos, elevação da autoestima, fortalecimento da identidade coletiva, a integração social e o cultivo de valores de cooperação e solidariedade, constitui a construção de um tecido social, regido pela confiança e colaboração (BOSE; GODÓI-DE-SOUZA, 2012).

d) Maior disponibilidade de recursos próprios e de terceiros por meio de contatos e interações sociais

Sobre tal aspecto, vê-se nas falas dos entrevistados aspectos relacionados à maior disponibilidade de recursos para a comunidade após o início das atividades do Programa Bombando Cidadania.

**E8:** Toda instituição filantrópica seja ela sem fins lucrativos ou com fins lucrativos, ela tem que ter parceiros, ninguém faz nada nesse Brasil sem parceiros, ninguém faz nada sem uma rede de sustentabilidade. O circuito turístico dentro da Bombarte é uma parceria com a Prefeitura quando ela tem o “Olhar Recife” que vinham sempre os ônibus para visitar a feira de cultura e arte da BH. **Nós estamos aí enredados, sem rede a gente não consegue fazer nada.** (grifo nosso)

Nota-se algo importante nos comentários descritos até então: que os moradores da Bomba do Hemetério possuem uma visão ampla do significado de “recurso”, não limitada apenas a fatores monetários, mas estendida também a recursos humanos, parcerias, infraestrutura coletiva, entre outros aspectos. Nesse contexto, o aspecto assistencialista vinculado a atividades desenvolvidas por ONGs e políticos, por exemplo, foi refutado pelos membros da comunidade. Os moradores buscavam uma alternativa para o desenvolvimento da comunidade, pautada pela rede de contatos e interações sociais, como exposto adiante.

**E2:** Quando me convidaram pra assistir as reuniões do Walmart, eu disse logo: Se for de política, eu não quero não, esse negócio de Walmart. Aí disseram: não é política não! Vamos lá assistir!

**P:** Será que as outras pessoas chamavam vocês de loucos porque a proposta do BC não era dar dinheiro a vocês?

**Todos:** Também!

**E1:** Até hoje eu escuto ainda isso. “roubaram demais... cadê os 5 milhões que o Walmart investiu aqui? Roubaram! Botaram no bolso!”. Eu disse: não! Sabe em que eles investiram? Em cursos, capacitações... Não foi chegar e dar dinheiro a cada um não... Cada um teve que trabalhar, correr atrás... Então eles estavam aqui pra investir. Os 5 milhões que eles disseram, eles investiram.

Vê-se que, desde o início do Programa, há a consciência, entre os moradores entrevistados, que a visão de recurso iria transcender os aportes financeiros, significando, no contexto do Bombando Cidadania, compartilhamento de estrutura produtiva, parcerias e acessos a novos mercados/canais, por exemplo. Esta visão dos moradores agrupa, em torno de si, portanto, elementos do capital físico (tecnologia, equipamentos e o sistema financeiro); e do capital humano (níveis existentes de educação e saúde) (TABOSA *et al.*, 2010, p. 50).

#### e) Capacitação do setor de baixa renda para agilizar e expressar as demandas

Para esse fator foram elencadas as falas de E4, E6 e E7, que retratam a importância e o significado da capacitação recebida por indivíduos de baixa renda.

**E4:** Com os cursos aprendi muita coisa que está me servindo hoje. Nós dois [E4 e o marido], estamos desempregados... Vamos vender algo... Lembrei dos cursos... E se não der certo? A gente tenta de novo. Hoje em dia estamos vendendo Sacolé. Está dando certo!

**E6:** O Instituto não veio para a Bomba botar dinheiro na carteira de ninguém. Veio dar capacitação e ensinar as pessoas a protagonizarem sua vida e buscarem seu sustento e buscarem seu próprio dinheiro. Quando o pessoal descobriu que o dinheiro não vinha de brinde, muita gente ficou e aprendeu bastante... eu mesmo fiz vários cursos sem gastar um tostão.

**E7:** Com relação à aprendizagem da incubadora... aumentou a percepção de muita coisa, ensinou a empreender, todos os cuidados com o financeiro. Foi um aprendizado enorme, tanto na área da cultura como o social.

Vê-se que as lacunas consideradas importantes, como a gestão financeira dos empreendimentos, foi um dos principais temas abordados nos cursos. Nas capacitações e nas atividades da incubadora, os moradores aprenderam noções de matemática financeira, finanças organizacionais, planejamento, logística, gestão de estoques e gestão de custos.

#### f) Melhoramento da autoestima

O grau de organização da sociedade gera melhorias na qualidade de vida da população local, principalmente quando são considerados aspectos como autonomia e autoestima. Tais temas são vistos nas falas de E2, por exemplo.

**E2:** Eu tenho o exemplo do meu irmão. Meu irmão era tímido, na época estava com depressão e agora ele é coordenador de duas escolas de música.

**P:** E ele participou do BC?

**E2:** Participou. E ele agora é coordenador da Escola de Música da Rua da Aurora e da Escola do Cabo. Ele é coordenador. Ele eu achei que ele mudou muito, que ele era tímido, não falava com ninguém... parecia um bicho.

**P:** O conhecimento que vocês vivenciaram dessa experiência gerou empoderamento, que é quando a gente adquire conhecimento, quando a gente se sente fortalecido...

**E2:** Pelo que eu to entendendo, até hoje eu sinto isso. Me sinto fortalecida por conta do conhecimento. As pessoas não pensam em conhecimento. Conhecimento é tudo na vida. **Eu me sinto mais forte pra tudo na vida.**

**Porque pelo que eu passei, era pra eu ter desistido. Mas levantei a cabeça e segui em frente, e resolvi.** (grifo nosso)

#### g) Associação de interesses individuais

Os moradores e empreendedores entrevistados relataram a existência de cooperação, laços e de formação de rede, com a soma dos esforços e interesses individuais em prol dos interesses coletivos. A maioria das situações listadas foram relativas à rivalidade existente, anteriormente, entre os grupos culturais da comunidade. Antes do Programa Bombando Cidadania, costumeiramente, os indivíduos brigavam entre si, prejudicando toda e economia criativa do bairro. O tema é relatado por E2 nos excertos a seguir.

**E2:** Outra coisa que o BC conseguiu foi a união dos interesses. As pessoas da cultura eram desunidas. Elas brigavam, só queriam saber do carnaval. Pra quem tiraria em primeiro e segundo lugar. **O ponto importante foi, quanto mais unidos, venceremos. Quanto mais multidão, a gente vence! Pra Prefeitura do Recife ajudar a gente. Se juntar, se reunir, conversar.** [...] Uma das coisas mais importantes que aconteceu aqui na Bomba foi essa união entre agremiações, que não existia. (grifo nosso)

E2 retrata a ajuda mútua entre as agremiações culturais, a qual passou a buscar a associação de interesses individuais, pautada no mote “quanto mais unidos, venceremos”. O aspecto foi igualmente relatado por E6, E8 e E9, como se segue:

**E6:** Atualmente há um grande respeito entre os comerciantes; grande união no projeto Delícias da Comunidade (Bomba do Hemetério, Pina e Santo Amaro. As parcerias com o SEBRAE, com a mídia, nos primeiros anos, foram excelentes.

**E8:** **De lá pra cá tem os projetos pessoais de cada agremiação e depois começaram a construir um projeto coletivo.** Também a gente conseguiu é... além dos projetos coletivos, promover o turismo de base comunitária, onde a BH se tornou o primeiro bairro de turismo de base comunitária. (grifo nosso)

**E9:** O que a gente percebe é que, quando a comunidade da Bomba quer, ela consegue as coisas. Um exemplo é a Escola Mardônio, que era uma vacaria e liderados por uma pessoa analfabeta reivindicaram a construção da escola. E também foi a primeira escola a ter como diretor uma pessoa escolhida pela comunidade e não indicada pela prefeitura. [...] A Bomba tem muitas curiosidades e é um bairro empreendedor.

h) Ligar grupos sociais dispersos a administrações, empresas, novos mercados ou clientes locais

Nesse último aspecto, verificou-se que a comunidade reconhece a importância das ações desenvolvidas ao longo do Bombando Cidadania, mas que ainda não vislumbram a ideia de negócio social. Nas falas sinaliza-se que são necessárias outras parcerias como forma de garantir novos mercados.

**E8:** A gente vive empreendendo, a gente busca caminhos onde a gente possa buscar sustento, a gente não vive única e exclusivamente dele. **O empreendedorismo que desenvolvemos na BH e no território expandido não é a atividade principal de nossas vidas, é uma atividade paralela. Nós queremos muito viver do empreendedorismo social que é o turismo de base comunitária. No entanto ainda não é suficiente.** (grifo nosso)  
A prefeitura só dá apoio sazonal, no carnaval, pouquíssimo apoio no São João. [...] A gente tem consciência que o Turismo não vai ser a fonte de renda principal de nossas vidas. Para haver um envolvimento maior das pessoas é necessário que as parcerias públicas e privadas cheguem no território.

Houve uma dispersão acentuada dos membros após o término das ações desenvolvidas no território, pois as lideranças foram dissipadas e nem todos os moradores perceberam que as atividades do empreendedorismo social possuem plenas condições para prover o sustento familiar, sem depender, a todo tempo, da execução de programas de apoio e fortalecimento do capital social. Nesse sentido, é necessário que aqueles que internalizaram as vantagens do empreendedorismo social possam continuar como multiplicadores dos novos atores sociais e de novos arranjos socioeconômicos (MARTINS; VAZ; CALDAS, 2010), baseados na sustentabilidade, a partir da construção de alternativas para o desenvolvimento produtivo do território, com o desenvolvimento de uma cidadania mais participativa.

## 5 CONCLUSÃO

O presente estudo se propôs a analisar os impactos do empreendedorismo social, no que se refere ao fortalecimento do capital social, no Programa Bombando Cidadania – Bomba do Hemetério – Recife-PE. Ao longo do período em que foi realizado, o Bombando Cidadania desenvolveu suas ações com base na ampla participação dos moradores da comunidade; nas parcerias firmadas com o poder público, e na articulação entre empresas e organizações não governamentais, as quais promoveram o fortalecimento do capital social, desenvolvimento humano e, não obstante, do empreendedorismo social.

Assim como no Programa Bombando Cidadania, o empreendedorismo social tem emergido como estratégia de intervenção que busca soluções de uma gama de problemas sociais, os quais se interrelacionam, dentre outros, com a erradicação das desigualdades sociais, consolidação de direitos sociais e a sustentabilidade ambiental do planeta.

O desenvolvimento humano e o fortalecimento do capital social observados após o Programa Bombando Cidadania caracterizaram-se pelo processo de ampliação das oportunidades aos indivíduos. Tais características se estabeleceram a partir de três premissas básicas, vislumbradas, inclusive, pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD): quando as pessoas podem desfrutar de uma vida longa e saudável; quando podem ter acesso ao conhecimento; e ter acesso aos recursos necessários a um padrão de vida decente (ZAPATA *et al.*, 2011).

Dentre as considerações gerenciais, concluiu-se pela necessidade de oportunizar aos microempreendedores do Bairro da Bomba do Hemetério – que foram ou não impactados diretamente pelo Programa Bombando Cidadania – o acesso a um curso com a metodologia Yunus para negócios sociais. Ainda que a iniciativa do Instituto Walmart e demais parceiros tenha reverberado positivamente na comunidade, inculcando nos indivíduos noções de empreendedorismo, redes, parcerias, bem-estar social e desenvolvimento socioambiental, nota-se que não predomina uma visão clara sobre o que de fato são os negócios sociais.

As pessoas possuem o entendimento de que as mudanças em suas ações impactam positivamente no território, porém ainda não enxergam que podem lucrar e manter o sustento da família com ações de empreendedorismo social, por meio dos negócios sociais.

Outras instituições que, porventura, venham a desenvolver projetos congêneres, tanto no bairro analisado, quanto em outras localidades, devem prezar por programas de desenvolvimento e multiplicação da liderança. Mesmo com as ações efetuadas, ao longo de 6 anos, o projeto inicial desenvolvido na Bomba do Hemetério falha em não provisionar a possibilidade de esvaziamento da liderança: aqueles que mais se destacaram ao longo do PBC, ou então os que desenvolveram boas iniciativas empreendedoras, tiveram que se afastar do projeto social, para cumprir com suas obrigações pessoais. Dessa forma, notou-se que as instituições promotoras não consideraram um desmonte na perpetuação das ações. Isso se deu em virtude de que todos os principais líderes se ausentaram do projeto e/ou da comunidade.

Por fim, dentre as recomendações gerenciais, propõe-se que as instituições do terceiro setor busquem as próprias comunidades ao longo da elaboração dos projetos sociais. Em sua maioria, as iniciativas são “pré-moldadas” e são atribuídas às comunidades sem maiores preocupações. Nota-se que os institutos sociais, principalmente aqueles vinculados a empresas de abrangência nacional – como braços operacionais de suas ações de desenvolvimento socioambiental – efetuam replicações de projetos ao longo do país, sem considerar as particularidades de cada local.

Tais projetos acabam não sendo efetivos quanto ao seu principal papel: de prover mudanças sociais significativas e perenes e acabam se assimilando, em parte, às ações convencionais, de caráter meramente assistencialista. Ademais, quando o projeto não é oriundo das demandas da própria comunidade, muito dificilmente haverá sentimento de pertença e engajamento, fatores essenciais para que haja o capital social.

Por fim, recomenda-se, para estudos futuros, que sejam realizados aprofundamentos das pesquisas relacionadas aos negócios sociais desenvolvidos após o Programa Bombando Cidadania. Também sugere-se que o estudo do fortalecimento do capital social e do desenvolvimento local sustentável seja analisado à luz da Teoria de Distância de Poder – proposta que correlaciona aspectos como intimidade, confiança e poder com as iniciativas de caráter transformacional.

## REFERÊNCIAS

- ALBAGLI, S.; MACIEL, M. L. Capital social e empreendedorismo local. In: LASTRES, H. M. M. *et al.* (coord.). **Proposição de Políticas para a Promoção de Sistemas Produtivos Locais de Micro, Pequenas e Médias Empresas Brasileiras I**, Fase II. 2002. Disponível em: <[www.ic.ufrj.br/redesist](http://www.ic.ufrj.br/redesist)>. Acesso em: 20 jan. 2018.
- ARAÚJO, G. J. F. de; CARVALHO, C. M.; CASTRO, V. A importância da prática da sustentabilidade e de seus indicadores para implementação e consolidação de vantagem competitiva nas organizações empresariais. **Fórum Ambiental da Alta Paulista**, v. 9, n. 10, p. 01-09, 2013.
- ASHOKA. **Empreendedorismo Social**. 2011. Disponível em: <<https://www.ashoka.org/pt-br/focus/empreendedorismo-social>>. Acesso em: 23 out. 2017.

BARBOSA, J. F. A.; SANTOS, B. M. S. T. Comunicação, economia criativa e desenvolvimento local: a experiência do ‘Núcleo de Comunicação Bombando Cidadania’. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 61-80, jul./dez. 2015.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOSE, M.; GODÓI-DE-SOUZA, E. Empreendedorismo Social e Desenvolvimento Social: Desafios e Oportunidades. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social, 6., 2012. **Anais...** São Paulo: ENAPEGS, 2012.

BRITO, J. G.; SILVA, M. S.; MACIEL, B. Maracatu Encanto da Alegria: a economia criativa e o desenvolvimento local da Bomba do Hemetério no Recife-PE. **Revista Comunicação Cultura e Sociedade**, v. 4, n. 4, p. 1-14, set./dez. 2014.

COLEMAN, J. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**, v. 94, p. 95-120, 1988.

COSTA, M. A. N. Sinergia e capital social na construção de políticas sociais: a favela da Mangueira no Rio de Janeiro. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, n. 21, p. 147-163, nov. 2003.

DENZIN, N. **The research act: a theoretical introduction to sociological methods**. 2. ed. New York: Mc Graw-Hill, 1978.

ELVAS, S.; MONIZ, M. J. V. Sentimento de comunidade, qualidade e satisfação de vida. **Análise Psicológica**, v. 3, ano 28, p. 451-464, 2010.

FARFUS, D. **Empreendedorismo social e desenvolvimento local: um estudo de caso no SESI Paraná**. 2008. 125f. Dissertação (Mestrado em Organizações e Desenvolvimento) – Centro Universitário Franciscano do Paraná, UNIFAE, Curitiba, 2008.

FERRARINI, A. V. Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável: uma metodologia para políticas e programas de superação da pobreza. **Interações**, v. 13, n. 2, p. 233-241, 2012.

FREITAS, C. D. R.; GUARESCHI, P. Assistência Social na perspectiva dos usuários: representações sociais e ideologia. In: Jornada de Pesquisa em Psicologia, 5., 2015, Santa Cruz do Sul - SC. **Anais...** Santa Cruz do Sul: UNISC, 2015.

FREY, K. Capital social, comunidade e democracia. **Política & Sociedade – Revista de Sociologia Política**, v. 2, n. 2, p. 175-187, abr. 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2016.

HARTIGAN, P.; ELKINGTON, J. **Empreendedores Sociais: Exemplo incomum das pessoas que estão transformando o mundo**. Rio de Janeiro: Campus, 2009.

IADH. Instituto de Assessoria para o Desenvolvimento Humano. **Agenda 21 local Bomba do Hemetério – A comunidade assume compromissos e mostra seus desejos**. Recife: IADH, 2011.

LIMA, R. C. P.; CAMPOS P. H. F. Field and group: A conceptual approximation between Pierre Bourdieu and the social representation theory of Moscovici. **Educação e Pesquisa**, v. 41, n. 1, p. 63-77, 2015.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de Marketing – uma orientação aplicada**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

MARTIN, R.; OSBERG, S. Social entrepreneurship: the case for definition, social. **Innovation Review**, v. 5, n. 2, p. 27-39, 2007.

MARTINS, R. A.; VAZ, J. C.; CALDAS, E. L. A gestão do desenvolvimento local no Brasil: (des)articulação de atores, instrumentos e território. **RAP**, v. 44, n. 3, p. 559-90, 2010.

MELO NETO, F. P.; FRÓES, C. **Empreendedorismo social: a transição para a sociedade sustentável**. Rio de Janeiro: Qualitmark, 2002.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MIOTTO, A. P.; BARKI, E. Walmart: um projeto para a base da pirâmide no Brasil. **GV Casos - Rev. Bras de Casos de Ensino em Administração**, v. 1, n. 1, p. 1-21, jan./jun. 2011.

OLIVEIRA, E. M. Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios – notas introdutórias. **Rev. FAE**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 9-18, jul./dez., 2004a.

OLIVEIRA, G. B.; LIMA, J. E. S. Elementos endógenos do desenvolvimento regional: considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento sustentável. **Rev. FAE**, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 29-37, maio/dez. 2003.

PORTOCARRERO, F.; DELGADO, Á. Negocios inclusivos y generación de valor social. In: MÁRQUEZ, P.; REFICCO, E.; BERGER, G. (orgs). **Negocios inclusivos - iniciativas de mercado con los pobres de Iberoamérica**. Bogotá, Colômbia: Amaral Editores / BID, 2010.

PUTNAM, R. **Comunidade e Democracia: a experiência da Itália Moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

RECIFE. Prefeitura Municipal. **Perfil dos Bairros - RPA2 - Bomba do Hemetério**. 2018. Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/bomba-do-hemeterio>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

SACCHET, T.; Capital social, gênero e representação política no Brasil. **Opinião Pública**, Campinas, v. 15, n. 2, p. 306-332, nov. 2009.

SANTOS, L. M. L. D.; GALLELI, B. O ensino de empreendedorismo social nos cursos de Administração das universidades brasileiras. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 5, n. 2, p. 153-173, 2013.

SANTOS, M. J.; VIEIRA, E. T.; SANTOS, D. F. Educação e capital social: uma relação estreita com o desenvolvimento. **DRd – Desenvolvimento Regional em debate**, Santa Catarina, v. 8, n. 2, p. 4-26, jul./dez. 2018.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico: um estudo sobre lucro empresarial, capital, crédito, juro e ciclo da conjuntura**. Lisboa: FCG, 2012.

SILVA, J. A. **Estudo sobre a trajetória da assistência social no Brasil: do padrão assistencialista ao profissionalizado**. 2017. 120f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - SP, 2017.

SPOSATI, A. **Concepção e gestão da proteção social não contributiva no Brasil**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome/ UNESCO, 2009.

TABOSA, F. J. S. *et al.* Análise de capital social e qualidade de vida da população rural: Um estudo de caso no município de Itarema, estado do Ceará. **Revista de Economia**, Curitiba, v. 36, n. 1, p. 49-66, jan./abr. 2010.

TANCREDI, F. B.; KISIL, M. Inovando o Ensino de Gerência de Projetos Sociais. **Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 1-14, nov./dez. 1996.

TEIXEIRA, J. C. *et al.* Triangulação entre métodos na administração: gerando conversações paradigmáticas ou meras validações “convergentes”? **RAP**, v. 46, n. 1, p. 191-220, 2012.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 16. ed. São Paulo: Atlas. 2016.

World Commission on Environment and Development [WCED]. **Our Common Future**. Oxford: Oxford University Press, 1987.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

YUNUS, M. **Criando um negócio social: como iniciativas economicamente viáveis podem solucionar os grandes problemas sociais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

ZAHRA, S. A. *et al.* Globalização de oportunidades de empreendedorismo social. **Strategic Entrepreneurship Journal**, v. 2, n. 2, p. 117–131, 2008.

ZAPATA, T. (org). *et al.* **A experiência de Desenvolvimento Local na Bomba do Hemetério: Um olhar sobre a concepção pedagógica**. Recife: Oito de Março Gráfica e Editora, 2011.